

EM HONRA

DOS

Soldados Desconhecidos

* DISCURSOS *

PROFERIDOS PELO

* PRESIDENTE DA REPÚBLICA PORTUGUESA *

DR. ANTÓNIO JOSÉ DE ALMEIDA

NA SALA E NO ÁTRIO DO PALÁCIO DO
CONGRESSO, EM 7 DE ABRIL DE 1921

IMP. NACIONAL

BIBLIOTECAS MUNICIPAIS DE LISBOA

82P-5
/POR

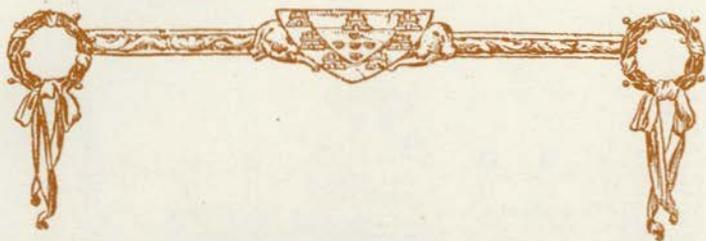
25.012



1921

IMPRESA
NACIONAL
DE LISBOA

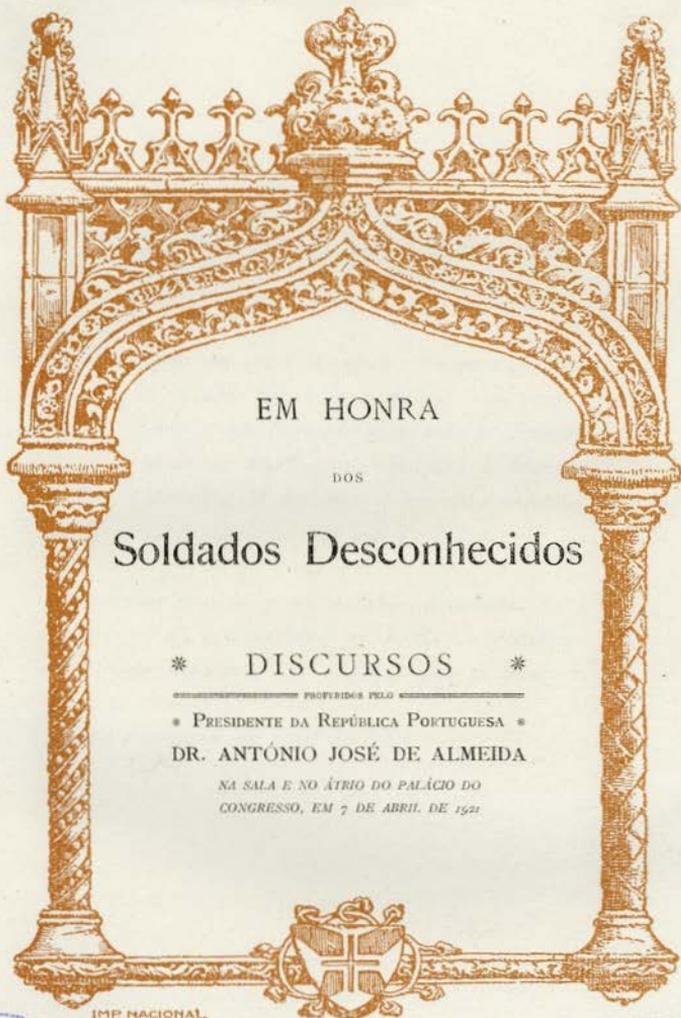
25012



EM HONRA

DOS

SOLDADOS DESCONHECIDOS



EM HONRA

DOS

Soldados Desconhecidos

* DISCURSOS *

PROFERIDOS PELO

* PRESIDENTE DA REPÚBLICA PORTUGUESA *

DR. ANTÓNIO JOSÉ DE ALMEIDA

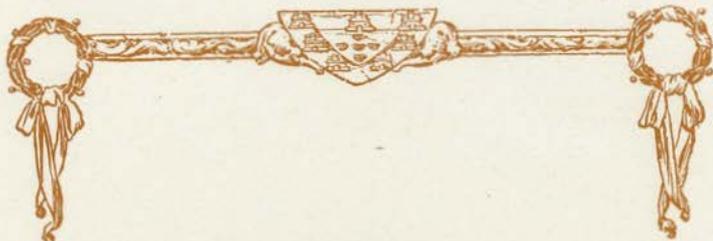
NA SALA E NO ÁTRIO DO PALÁCIO DO
CONGRESSO, EM 7 DE ABRIL DE 1921.

IMP. NACIONAL



Inv. 504729

B2P-5
/POR

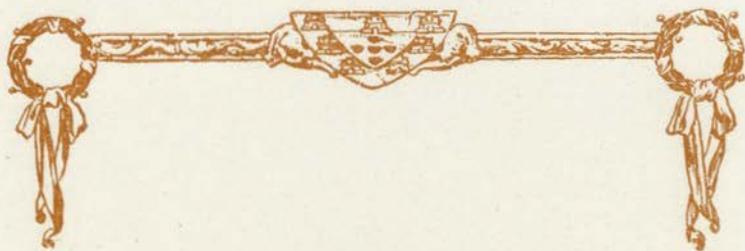


JUSTIFICAÇÃO DA TIRAGEM

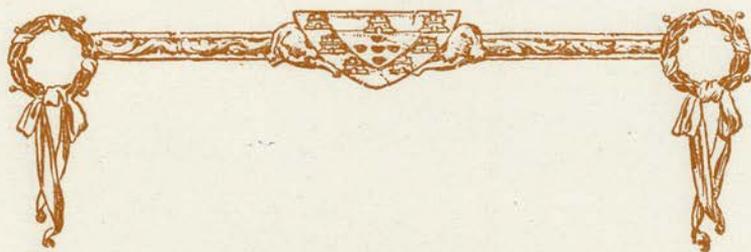
6 exemplares em papel Whatman: um para o Chefe do Estado, um para o Senado, um para a Câmara dos Deputados, um para o Exército (Ministério da Guerra), um para a Marinha (Ministério da Marinha) e um para a Biblioteca da Imprensa Nacional de Lisboa.

100 exemplares em papel «couché», numerados, de 1 a 100, e chancelados por S. Ex.^a o Presidente da República, DR. ANTÓNIO JOSÉ DE ALMEIDA.

1:000 exemplares em papel de linho.



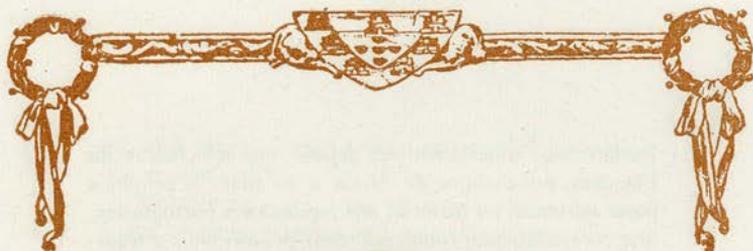




NA SALA DO CONGRESSO



THE STATE OF TEXAS



As festas em honra dos Soldados Desconhecidos poderão não ser deslumbrantes, mas são com certeza, além de sinceras, coerentes e harmónicas.

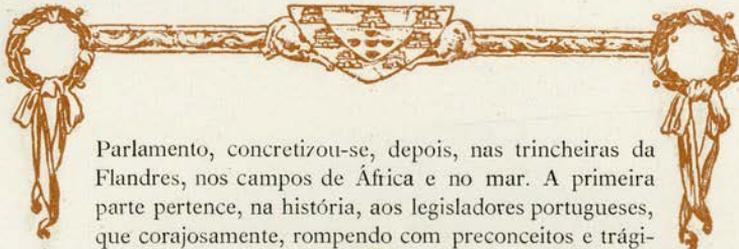
Feitas pelo Povo, pelo Parlamento e pelo Governo, elas mostram, em todos os números do seu programa, um único intuito: fortalecer a unidade nacional, pondo em evidência a significação do presente, realçando e honrando a tradição e preparando as lições do futuro.

De facto não podia haver melhor sítio para o Povo desfilar perante o féretro dos heróis de que o átrio do Congresso da República, onde os representantes do País deliberaram a intervenção de Portugal na Grande Guerra.

Aqui se discutiu a situação nacional perante o mundo.

Aqui se ventilaram as questões que o passo grave a que a Nação se arriscava podia desencadear na marcha dos seus destinos.

A grande empresa, a mais extraordinária do Portugal moderno, ideou-se, sobretudo, nas duas casas do

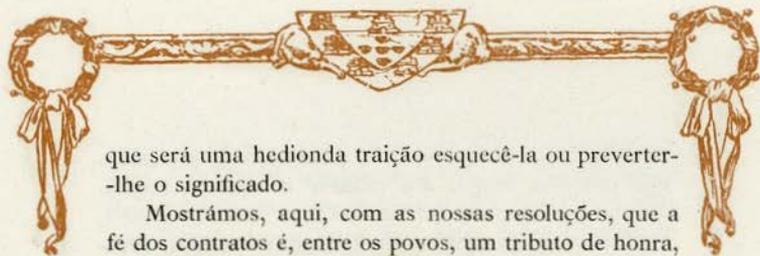


Parlamento, concretizou-se, depois, nas trincheiras da Flandres, nos campos de África e no mar. A primeira parte pertence, na história, aos legisladores portugueses, que corajosamente, rompendo com preconceitos e trágicas apreensões, levaram o País para a arena onde se estava debatendo o destino dos povos. A segunda parte é devida aos soldados de Portugal, que, nos campos de batalha, cumpriram exactamente, devotadamente, freneticamente os desígnios do Parlamento.

Houve, neste iance supremo da vida pátria, duas séries de combates. Uma desenrolou-se aqui, agitada, nevrótica, intrépida, assumindo os homens responsabilidades tremendas, chegando a ter de se bater contra o pavor das suas próprias deliberações, que iam envolver o País nos riscos ousados duma possível catástrofe. A outra feriu-se toda, em rasgos de imortal beleza, em África, em França e no mar, e com tal vigor e tam ardente heroísmo, que nós próprios, os que tínhamos contado previamente com o valor dos nossos soldados e marinheiros, ficámos surpreendidos com tamanho poder de sacrifício e tam intrépido frenesim de vitória.

De então para todo o sempre, ficaram enlaçados, para os julgamentos da Posteridade, os campos de batalha e as bancadas do Parlamento, e de maneira tal que jamais se erguerá aqui uma voz, para debater algum grande problema nacional, sem se acordar um eco inapagável e severo no campo onde foram as trincheiras, chamando à circumspecção, à serenidade e à ponderação a consciência daquele que agitar com as suas faculdades de legislador os interesses da sua Pátria.

Fizemos, soldados e legisladores, uma obra comum de que podemos nesta hora desvanecer-nos, mas ela importa à nossa consciência tamanha responsabilidade



que será uma hedionda traição esquecê-la ou preverter-lhe o significado.

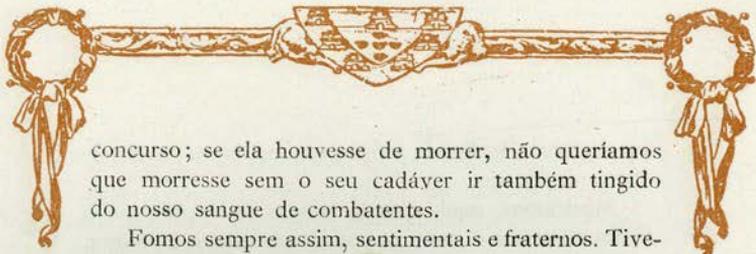
Mostrámos, aqui, com as nossas resoluções, que a fé dos contratos é, entre os povos, um tributo de honra, como entre os homens. Amigos e aliados da Inglaterra, correspondemos logo, sem hesitações, ao apêlo que ela nos fez. E nós, que, desde o primeiro momento, nos tínhamos oferecido para secundar o seu esforço, alvoroçadamente caminhámos para seu lado, assim que ela, precisando do nosso auxílio, nos dirigiu um convite formal.

Mas não só isso.

Sabedores dos riscos — e eles eram evidentes — que corria a Civilização do mundo, quisemos compartilhar dos sacrifícios de quem a defendia.

Talada estava a Belgica, simpático torrão em que florescia a fina flor da lealdade. Invadida estava a França, o alto, maravilhoso expoente do génio latino. Ameaçada estava a Itália, a mãe fecunda, em cujos seios se gerou a mais nobre concepção da arte moderna. A própria Inglaterra, cujo poder e esplêndida força são indispensáveis ao equilíbrio do mundo, embora sendo inexpugnável no seu altivo rochedo, estava-se dessanguando no melhor da sua mocidade valorosa, praticando o esforço inaudito de dar, pelo voluntariado, em poucos meses — vertiginoso exemplo sem igual! — alguns milhões de soldados que correram a inscrever-se nos exércitos britânicos, sob a única pressão do seu patriotismo.

Portugal vibrou então, imediatamente, à contemplação de tanto heroísmo e tanta desgraça. Se a civilização houvesse de se salvar, e nunca disso duvidámos, não queríamos que ela se salvasse sem o nosso



concurso; se ela houvesse de morrer, não queríamos que morresse sem o seu cadáver ir também tingido do nosso sangue de combatentes.

Fomos sempre assim, sentimentais e fraternos. Tivemos sempre o prazer de nos dar aos outros, acamardando nos riscos e perigos.

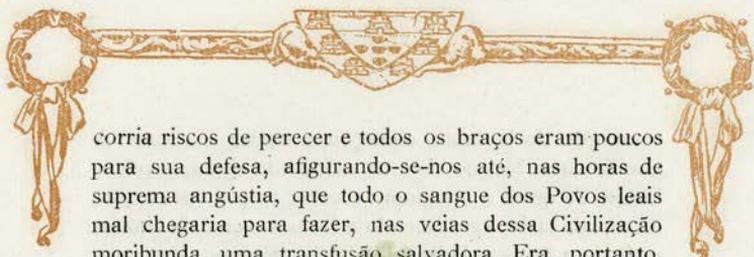
Todos os povos sentem, a impregnar-lhes a estrutura étnica, a necessidade de viver. E é por isso que eles vivem.

Nós tivemos sempre mais do que isso, porque temos tido, inalteravelmente, a ânsia de conviver. E conviver é, como disse o Poeta, acompanhar, colaborar, fraternizar, em suma. Foi por isso que fizemos as descobertas. Por essa razão nos lançámos nas conquistas. E o abraço estreito, comovido, estertoroso quasi, com que, por terra e por mar, abraçámos o mundo, não significa mais que o anseio de chamar outros povos até nós, trazendo civilizações inferiores ao rutilo, deslumbrante convívio da nossa civilização de povo eleito, de povo chefe.

Sendo assim, toda a gente compreenderá que nos deixássemos dominar por excitações heróicas nos começos da guerra e a jovem República Portuguesa fôsse arrebatada por uma espécie de misticismo para as lutas do Dever, esperando, inquieta e nervosa, o momento de ser útil à causa comum.

Outras razões mais fortes e menos sentimentais, porém, nos atraíam para a diabólica, mas gloriosa fornalha onde se estavam caldeando novos aspectos do Direito e novas formas da Liberdade.

Não se tratava do acto romântico de morrer pela Liberdade, como concepção abstracta, mas de defender a nossa própria liberdade, mantendo íntegro o território que nos pertence. O ponto estava em que a Civilização



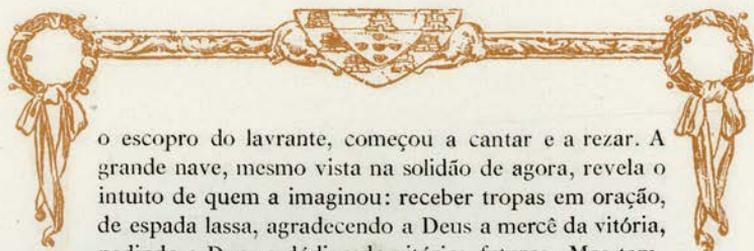
corria riscos de perecer e todos os braços eram poucos para sua defesa, afigurando-se-nos até, nas horas de suprema angústia, que todo o sangue dos Povos leais mal chegaria para fazer, nas veias dessa Civilização moribunda, uma transfusão salvadora. Era, portanto, indispensável que não houvesse braço que ficasse inerte, nem coração que parecesse aquietado.

Por isso, nas duas casas do Congresso, se levantaram tantas vozes, e algumas bem eloqüentes, prégando a necessidade de ir para a guerra, e, depois, celebrando, com comovido alvorôço, a nossa definitiva intervenção.

Realizaram, assim, Soldados, Marinheiros, Senadores e Deputados uma grande obra de patriotismo. A todos eu saúdo e agradeço, em nome da Nação, certo de que há-de frutificar, em benefício das gerações vindouras, êsse acto dominador da história moderna de Portugal e que custou a uns o sofrimento, a outros a amargura, a todos, em suma, o sacrifício.

Mas se a escolha do átrio do Congresso, para exposição dos corpos dos heróis, foi acertada, a deliberação de os levar em definitivo para a Batalha traduz o melhor preito que à sua memória se podia prestar.

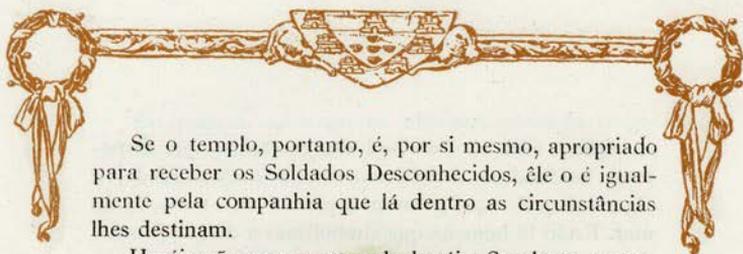
O Mosteiro da Batalha é, conjuntamente, uma obra de poetas, de guerreiros e de crentes. Pelo lugar em que foi erecto, simboliza as glórias duma batalha; mas o encanto, a um tempo severo e saudável da paisagem que o envolve, dá-lhe o ritmo e as entoações de uma estrofe. E nas curvas das suas ogivas, nas arcarias dos seus claustros, nas flechas das suas tórres há uma doçura idealista e cristã que só a fé em Deus lhe podia dar. Dir-se-ia que a pedra de que o templo é feito, logo, sob



o escopro do lavrante, começou a cantar e a rezar. A grande nave, mesmo vista na solidão de agora, revela o intuito de quem a imaginou: receber tropas em oração, de espada lassa, agradecendo a Deus a mercê da vitória, pedindo a Deus a dádiva de vitórias futuras. Mas também se pode observar que há lá motivos arquitectónicos tam fortes e cadenciados como alexandrinos de epopeia e ornatos tam simples, tam harmoniosos e de tam ideal frescura como os próprios versículos da biblia.

A dentro daquelas majestosas e poéticas paredes ninguém se pode sentir mal, porque o templo magnífico satisfaz os anelos e as aspirações de toda a gente, bastando para isso ser-se português.

O crente católico pode ajoelhar e rezar, porque, como casa de Deus, não a há mais pura e acarinhadora. Quem tiver outras crenças sentir-se há comovido pelo aspecto imponente das naves, que proclamam grandeza, ou pela solidão enternecida dos claustros, que traduzem recolhimento, lenda, mistério, tudo envolvendo uma tradição que vem de longe, sempre a caminhar para nós, atravessando as tempestades de asa fita, como as águias, ou ruflando, ao luar, as asas mansas, como as pombas. Toda a gente lá pode entrar, toda, a principiar pela própria República-Regime, pela própria República-Estado, que, sem adoptar nenhuma confissão religiosa, mas respeitando todas as religiões, não pode deixar de sentir especiais deferências por aquela que, além de ser a da grande maioria dos portugueses, tem por suprema divindade o mesmo Cristo que, lá na Batalha, como eu já disse um dia, em nome do Govêrno da República, às portas do próprio templo, não é só o Deus dos católicos, mas também, na História de Portugal, o companheiro de armas de Nun'Álvares.



Se o templo, portanto, é, por si mesmo, apropriado para receber os Soldados Desconhecidos, êle o é igualmente pela companhia que lá dentro as circunstâncias lhes destinam.

Heróis vão ao encontro de heróis. Sombras, espectros de grandeza vão receber no seu seio outras sombras igualmente espectrais e grandes.

Aqueles que foram os modestos serranos de há dias, vão tocar ombro com ombro os magníficos capitães de há séculos. Filhos do povo, saídos da lavoura, do mar, das fábricas, das minas, vão dormir ao lado dos reis e dos príncipes.

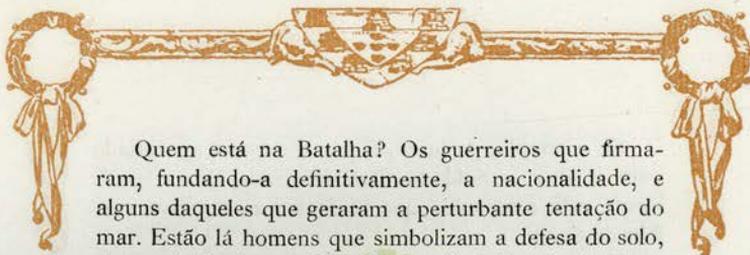
Costuma dizer-se que a morte dá a igualdade. Em parte, sem dúvida. Mas nas campas também há jerarquias, e é uso continuar aos grandes homens, ainda depois da morte, as pompas da vida, como se uma nova existência, embora ilusória e enganadora, pudesse circular, como seiva animada, nas veias da pedra em que, sôbre o túmulo, lhes esculpem as figuras representativas.

Mas agora não acontece assim. De facto na morte, como o foram na vida pelo sacrificio, estes vão ser iguais nas homenagens e nas honras. Não porque uns desçam, mas porque outros sobem.

A igualdade dá-se, plena, luminosa como um sete-estrêlo, mas dá-se na apoteose, na glorificação, na santificação, digamos, por todos merecida.

A cada momento se diz que a História se repete. Não é bem verdade. A História o que faz é reproduzir-se, mas a reprodução, envolvendo, dentro de leis determinadas, a idea de semelhança, não impõe de forma alguma o princípio de identidade.

É o que acontece neste caso.



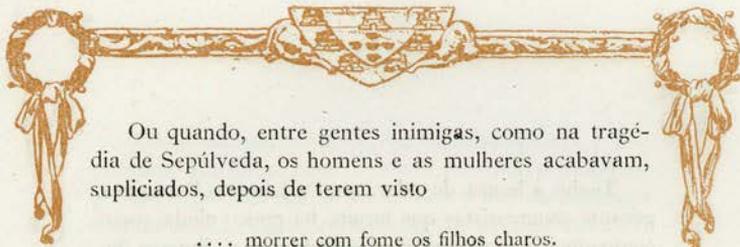
Quem está na Batalha? Os guerreiros que firmaram, fundando-a definitivamente, a nacionalidade, e alguns daqueles que geraram a perturbante tentação do mar. Estão lá homens que simbolizam a defesa do solo, do torrão fundamental da Pátria. Está lá, afinal, quem, com Nun'Álvares, verdadeiramente, nos inscreveu o nome nos registos do mundo. Antes de D. João I nós já existíamos, mas, depois d'êle, é que começámos a viver e a permanecer. Éramos até aí a árvore plantada. Passámos a ser a árvore enraizada, ensaiando os primeiros arrebatamentos da seiva.

E com êle estão os filhos, inclitos infantes, um dos quais descobriu, pela visão do seu engenho, as terras maravilhosas que os nautas depois encontraram com as quilhas dos seus barcos.

Êsses homens, êsses portugueses representam as primeiras gerações que se lançaram nas emprêsas sobrenaturais. Êles são o padrão pelo qual se pode avaliar da bravura e denodo da Raça, porque de si ressumam heroísmo, glória, martírio e dor. Para descobrir e conquistar e, em duas palavras — *Descobertas e Conquistas!* — se resume a epopeia portuguesa antiga, que soma de valor despendido, que opulento capital de esforço desbaratado! Sempre heroísmo, é certo; sempre bravura, sem dúvida; mas nem sempre vitória, nem sempre fortuna.

Ah! Que o diga a História trágico-marítima, tam cheia de naufrágios e desventuras, ou em guerra com os elementos, quando, no dizer de Camões:

..... os ventos que lutavam,
Como touros indômitos bramando,
Mais e mais a tormenta acrescentavam,
Pela miúda enxárcia assoviando:
.....



Ou quando, entre gentes inimigas, como na tragédia de Sepúlveda, os homens e as mulheres acabavam, supliciados, depois de terem visto

.... morrer com fome os filhos charos.

E depois de as próprias pedras

..... abrandarem
com lágrimas de dor, de mágoa pura.

Na Batalha, em resumo, estão homens que de vez fundaram e dilataram a Pátria.

E os que vão entrar?

Os que lá vão entrar defenderam e conservaram essa mesma Pátria.

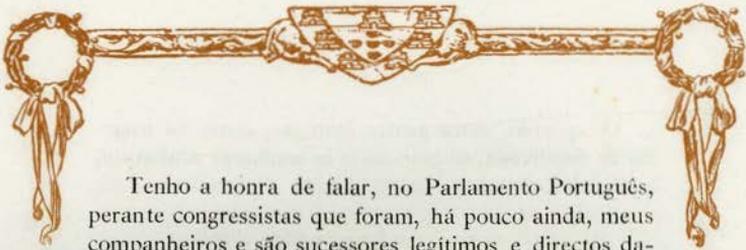
Irmãos gémeos dos outros, parecem-se com êles sem serem iguais.

Equivalem-se.

Sobretudo são gémeos os Serranos e o Infante Santo.

Porque o infante, morto pela Pátria, em reféns para que não se perdesse Ceuta, uma parcela de Portugal, morto em holocausto, de morte resignada e dolorosa, e os serranos, que caíram nas trincheiras e no sertão, realizando o seu sacrifício com melancólico, saúdoso, mas impertérrito heroísmo, são dignos de que a gratidão nacional perpétuamente os irmane, como expressão intangível dêsse princípio sagrado de que, perante a integridade e a independência da Pátria, nada há que prevaleça além da obrigação de morrer, servindo-a.

¡Que a mesma bênção os cubra a todos!...

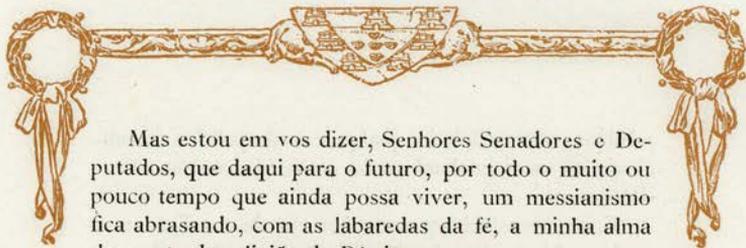


Tenho a honra de falar, no Parlamento Português, perante congressistas que foram, há pouco ainda, meus companheiros e são sucessores legítimos e directos daquelles a cujas responsabilidades, sob o ponto de vista da nossa intervenção na guerra, se juntará sempre a minha própria responsabilidade. Além, daquela cadeira, que, durante tanto tempo tive a honra de ocupar, também eu, que sou aliás um pacifista inabalável, fiz a apologia da nossa ida para a guerra, e algumas vezes, eu o creio, a minha palavra, que jamais teve o poder da eloquência, atingiu ao menos a força do sentimento, em nome do qual lhes vou dizer a minha íntima impressão desta hora.

Fui sempre contra o messianismo político, que tantas vezes tem perturbado, ao longo da sua história, a vida do povo português.

Acho que é péssimo confiar dum homem o que deve ser atributo de muitos e exigir duma individualidade, por mais poderosa que seja, a soma de trabalho fecundo e o número de soluções perfectas que só podem resultar da colaboração de todos.

Educado numa escola política idealista, que aliás reconhece a existência de leis inalteráveis, regulando a vida espiritual dos Povos, como as há que regulam a vida dos astros, cedo me habituei a ter em mínima conta as faculdades sobrenaturais dos grandes condutores de homens, que, mesmo quando têm génio, apenas conseguem preparar maior número de escombros para soterrar a sua própria personalidade que, sepultada nos destroços da catástrofe, resta diminuta e, tantas vezes, mesquinha.



Mas estou em vos dizer, Senhores Senadores e Deputados, que daqui para o futuro, por todo o muito ou pouco tempo que ainda possa viver, um messianismo fica abrasando, com as labaredas da fé, a minha alma de crente da religião da Pátria.

É o messianismo do sacrificio, da abnegação e do martírio de todos os que sofreram, na guerra, a paixão dos seus inenarráveis calvários, não olhando ao pêso da cruz que carregou os seus ombros e só pensando, mesmo nas horas de maior amargura, quam pequeno era o seu sacrificio em confronto com o amor, incomparavelmente maior, devido à terra da Pátria.

Sim, vou ter um messianismo a guiar, a animar a minha vida.

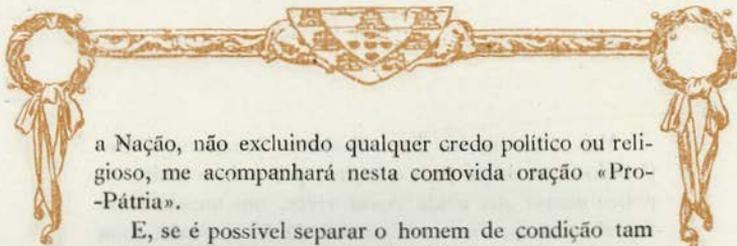
Louvado êle seja por trazer à minha alma atribulada a semente de novos ideais e o estímulo de novas aspirações. Êste não engana. Êle é desinteressado e é puro, ressumando lágrimas, transpirando sangue, de si fazendo espremer dor e paixão.

E é, ao mesmo tempo, um messianismo triunfal e sadio, partido da alma da Nação, intrinsecamente, fisiologicamente popular, incutindo fé, dando esperança, messianismo cheio de complacência e de bravura, de heroísmo e de perdão.

E quem o encarna são os dois corpos que lá estão em baixo, sagrados despojos de dois heróis desconhecidos, que anonimamente pelejaram e morreram, como que escondendo-se da sua grande obra, como que fugindo à sua própria glória.

Perante êsses fêretros eu me curvo, reverente e comovido, pedindo-lhes que nos dêem a inspiração e o alento para a grande obra que há ainda a fazer.

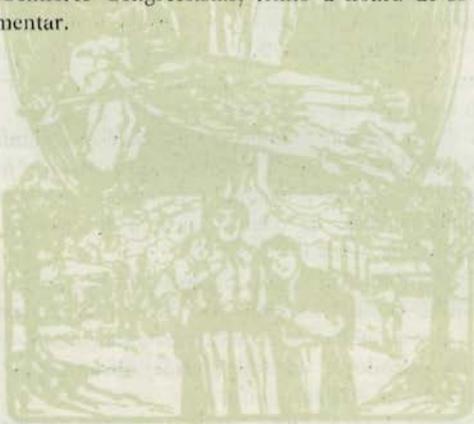
Faço-o como Chefe do Estado e suponho que toda



a Nação, não excluindo qualquer credo político ou religioso, me acompanhará nesta contovida oração «Pro-Pátria».

E, se é possível separar o homem de condição tam modesta do magistrado de situação tam alta, talvez o homem não destoe inteiramente na missão de, numa prece fremente, rogar, junto ao corpo dos desconhecidos, pela boa sorte da Nação, visto que êle tem procurado realizar uma obra de união e concórdia, e é união e concórdia o que êsses dois féretros nos recomendam nesta hora em que as suas cinzas, recolhidas no Campo da Morte e da Honra, nos impõe o dever indeclinável de servirmos todos, sem excepção, a Pátria, que de todos é, sem excepção também.

Senhores Congressistas, tenho a honra de os cumprimentar.

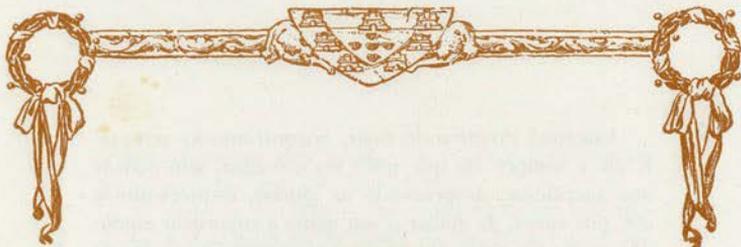




NO ÁTRIO DO CONGRESSO



NO. 1110 OF 1915



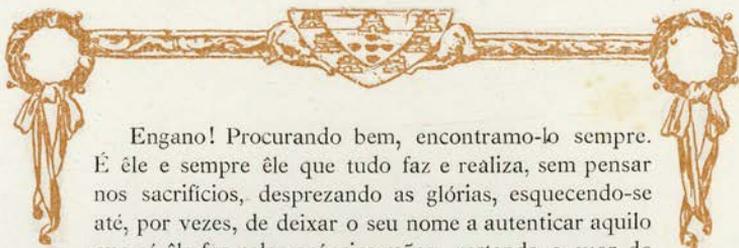
M nome da República Portuguesa, tenho a honra de impor ao fêretro dos dois Heróis desconhecidos as insignias da Ordem da Torre e Espada.

Faço-o profundamente sensibilizado, considerando êste momento, porventura, o mais solene da minha vida. São dois desconhecidos que caíram no campo da Honra em defesa da Pátria. Mas a êsses desconhecidos toda a gente os conhece. Êles são o Povo, o Povo grande, admirável, predestinado, que, durante oito séculos, construiu por suas mãos vigorosas e leais êsse edificio de imortal grandeza que se chama História de Portugal.

Pela primeira vez, entre nós, se lhe rende uma homenagem digna do seu valor.

É o início da gratidão colectiva por aquele que tanto tem feito, por aquele que, com o seu génio, aquece e alumia o nosso destino de Terra Eleita.

Poderá por vezes parecer, ao longo da nossa História, que o Povo ficou em segundo plano e que a uma *élite* pertence a glória de feitos que nos maravilham.



Engano! Procurando bem, encontramos-lo sempre. É êle e sempre êle que tudo faz e realiza, sem pensar nos sacrificios, desprezando as glórias, esquecendo-se até, por vezes, de deixar o seu nome a autenticar aquilo que só êle fez pelas próprias mãos, vertendo o suor do seu rosto, derramando o sangue do seu corpo, da sua alma fazendo ressumar o martírio e a dor.

Povo! Grande Povo!

É para ti que eu falo agora.

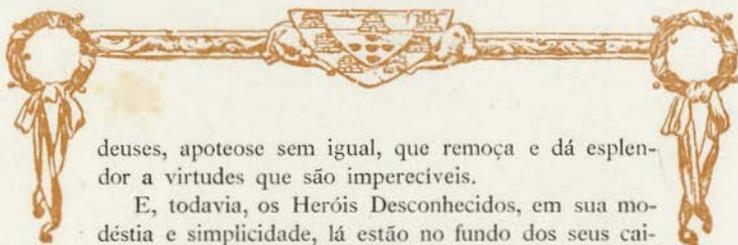
Comove-te e chora lágrimas de saudade sôbre os despojos dos teus filhos, porque êles são pedaços do teu ser; mas ergue também a fronte, ergue-a com altivez e soberba, porque êles são dignos de ti, rebentos heróicos da tua Raça.

Traze-lhes ramos de louro, traze-lhes açucenas e rosas: louros para o seu forte heroísmo, açucenas e rosas para a sua virtude indomável.

Aqui está, em volta do seu corpo, comovido e silente, na ansiedade duma celebração votiva, tudo o que pode representar a Raça, tudo o que pode simbolizar a Pátria. Aqui estão os Embaixadores, Ministros e Delegados especiais das Nações Aliadas e amigas, que lhes prestam, reconhecidos, a homenagem da Gratidão.

Bandeiras dos exércitos aliados que as balas furaram nos campos de batalha; pavilhões, estandartes que os tufões de fogo rasgaram nos combates do mar; símbolos augustos do génio guerreiro dos que foram seus companheiros de armas, aqui vieram para lhes beijar o ataúde. Heróicas espadas sangrentas, que fizeram a vitória, rasgando o horizonte dum futuro novo, aqui vieram para lhes fazer continência.

Junto a êles tudo se curva, tudo se rende. Homenagem magnífica, como as que se prestam aos semi-



deuses, apoteose sem igual, que remoça e dá esplendor a virtudes que são imperecíveis.

E, todavia, os Heróis Desconhecidos, em sua modestia e simplicidade, lá estão no fundo dos seus caixões, tam imperturbáveis e serenos, como, quando vivos, afrontaram os perigos.

Mas esta ingénua quietação representa uma força magnética e dominadora, que pôs em vibração a Pátria inteira.

Fôrça estranha e sublime, donde irradia para nós, como um estímulo e uma bênção, a necessidade de não deixarmos perder o seu esforço sôbre-humano, a obrigação de continuarmos o seu sacrificio imorredouro.

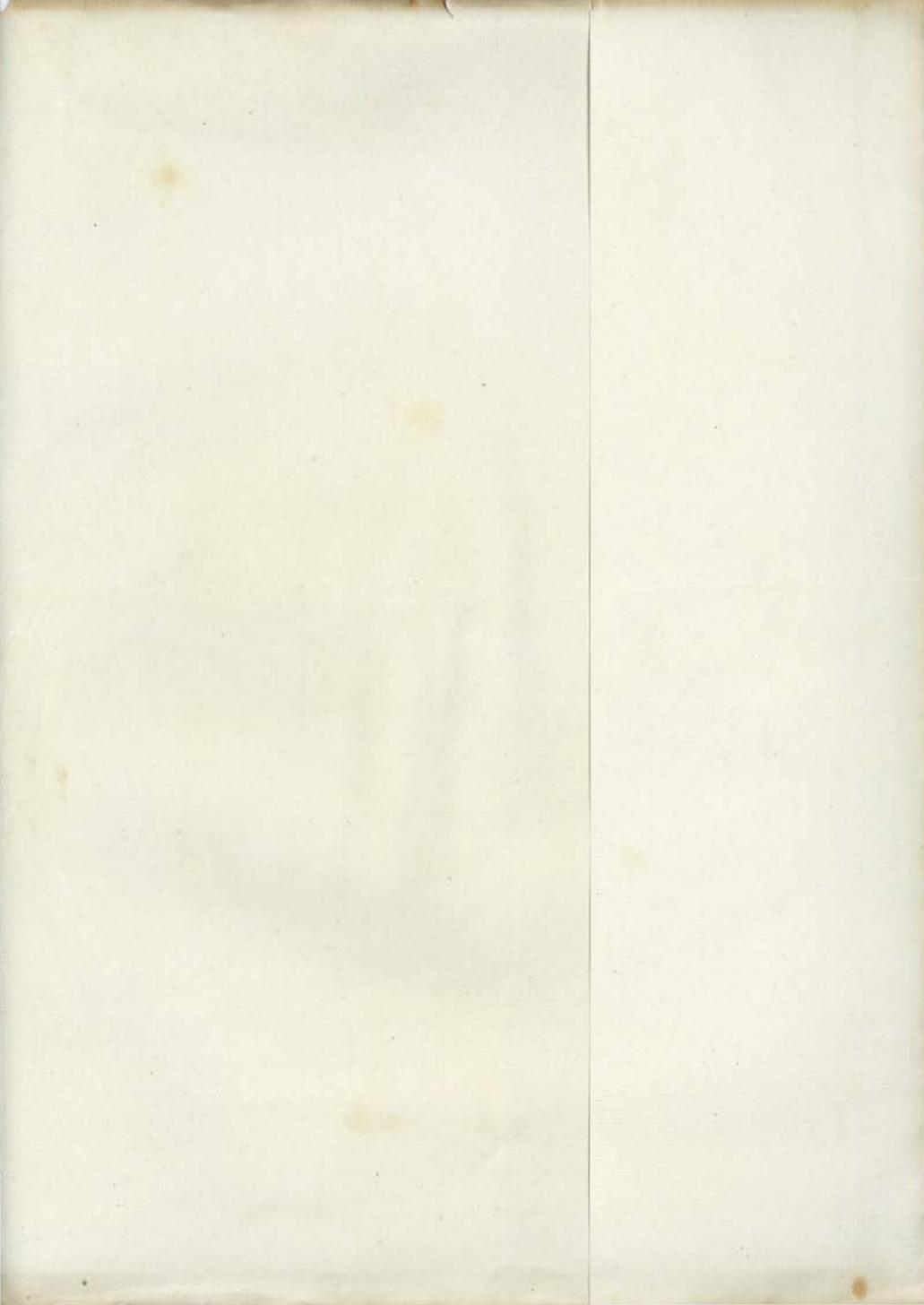
Vou ter a honra de colocar as insígnias da Ordem da Tôrre e Espada, que significa Valor, Lealdade e Mérito, sôbre o fêretro dos Heróis.

Faço-o, recolhidamente, com as mãos trémulas como se tocassem um altar, com os lábios frementes como se pronunciassem uma prece. Momento augusto, momento divino, em que a alma se purifica de tudo o que é mau, e alarga e alastra, como um preamar de amor e ternura, pela alma dos que sentem, como nós, a grandeza calma e sossegada dêste instante sem par.

As mais altas insígnias de prémio e galardão que a República Portuguesa pode conceder vão ser depositas sôbre estes caixões, que serão, para todo o sempre, os berços infantis, onde a raça há-de embalar a virtude dos seus filhos e a urna majestosa em que a Pátria há-de guardar a recordação dos seus feitos.

¡Honra e glória à memória dos Heróis Desconhecidos!







90225917